



HANNAH HOWELL

OS MURRAYS • 3

A PROMESSA  
*das Terras Altas*



Título original: *Highland Promise*

Copyright © 1999 por Hannah Howell

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado em acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.  
Os direitos morais da autora estão assegurados.

*tradução:* Mariana Serpa e Thaís Paiva

*preparo de originais:* Marina Góes

*revisão:* Milena Vargas e Tereza da Rocha

*diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* © Sandra Cunningham / Trevillion Images

*impressão e acabamento:* Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

H845p

Howell, Hannah

A promessa das terras altas / Hannah Howell ; [tradução Mariana Serpa, Thaís Paiva]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.

256 p. ; 23 cm. (Os Murrays ; 3)

Tradução de : Highland promise

Sequência de: A honra das terras altas

ISBN 978-65-5565-098-3

1. Romance americano. I. Serpa, Mariana. II. Paiva, Thaís. III. Título.  
IV. Série.

20-68274

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

# CAPÍTULO UM

*Escócia, 1444*

**A**braçada com força ao sobrinho pequeno, Bethia Drummond observava os dois homens suados cobrirem o corpo de sua irmã com terra pedregosa. James, que por causa da ganância de seus compatriotas tinha acabado de ficar órfão antes mesmo de seu primeiro aniversário, precisaria de muito amor e, o mais importante, de muita proteção. Bethia engoliu as lágrimas e atirou alguns ramos de urze branca na cova da irmã. O coração dela se recusava a crer que sua gêmea, Sorcha, tinha partido para sempre, mas a mente sabia muito bem que ela estava no seio da terra, unida para sempre ao homem que amava, o marido, Robert. Enterrados, pensou com uma fúria crescente, pela avareza da família de Robert.

Por cima da cova que aos poucos ia se enchendo, ela encarou o tio de Robert, William, e seus dois filhos, Iain e Angus. Eram Drummonds só de nome, não de sangue, pois William adotara para si o nome da família ao se casar com Mary, tia de Robert. Estéril, Mary aceitara criar os filhos pequenos de William como se fossem seus, mas suas carapaças duras e perversas não se deixaram amolecer por todo o amor e toda a bondade que Mary lhes dedicara. Logo ficara claro que ela havia entrado em um covil de cobras, e acabou pagando um preço altíssimo por sua caridade. Sua morte lenta e agonizante – e muito, muito suspeita – acontecera cerca de um ano antes. Depois disso, William já tinha conseguido eliminar mais dois dos obstáculos que o impediam de tomar para si todas as terras e a riqueza de Dunnraig – e, naquele momento, Bethia segurava nos braços o último deles. William e seus filhos malditos nunca colocariam as mãos em James. Bethia jurou diante do túmulo da irmã que faria com que os três homens pagassem por seus crimes, e que os mataria, um a um, antes de deixar que levassem James.

Quando William e seus filhos se aproximaram, Bethia se retesou. Resistiu ao impulso de se virar e sair correndo com o sobrinho risonho para

longe daqueles três homens perversos. Mas seria perigoso e tolo mostrar que suspeitava deles.

– Não precisa se preocupar com o menino – falou William, com sua voz rouca, fazendo um cafuné meio brusco nos cachos de um ruivo intenso de James. – Nós cuidaremos dele.

Bethia quis arrancar a mão do sujeito da cabeça do sobrinho, mas forçou um sorriso e disse:

– Minha irmã me pediu que cuidasse dele. Foi por isso que eu vim.

– A senhorita é uma mocinha muito jovem, com certeza não vai querer jogar a vida fora cuidando do filho de outra mulher. Devia pensar em ter a própria prole.

– Criar o bebê da minha irmã gêmea não é jogar minha vida fora, senhor.

– Talvez este não seja um bom momento para esta conversa. – William tentou fingir empatia ao forçar um sorriso nos lábios finos e tocou o ombro dela. – A senhorita ainda está muito abalada pela dor de perder sua pobre irmã. Conversaremos melhor depois.

– Como queira.

Foi difícil não se retrair diante do toque gélido das mãos de William, mas Bethia deu outro sorriso amarelo. Então se virou e começou a caminhar de volta à bastilha com uma calma reunida a duras penas. Queria gritar para todo o mundo ouvir as coisas de que suspeitava, queria sacar sua adaga e cravá-la bem fundo no coração maligno de William, mas sabia muito bem que isso só lhe traria o gosto doce, porém efêmero, da vingança. Os filhos do sujeito vingariam a morte do pai, tirando tanto a vida dela quanto a de James. Na verdade, ela provavelmente não conseguiria sequer matar William, e a tentativa só lhes daria um motivo concreto para assassinar o menino.

Para derrotar William e seus filhos, para fazer com que pagassem por seus crimes, ela teria que planejar tudo com muito cuidado. Teria que engolir as emoções que se reviravam em suas entranhas. Também precisaria de ajuda, e sabia que não poderia contar com os moradores subjugados de Dunnraig. William regia com punho de ferro todos os que viviam no castelo e nas terras da família, e Robert não fizera nada para contê-lo – talvez porque nem se dera conta, talvez por viver ocupado demais na corte ou lutando na França para fazer algo a respeito. A distração ou a negligência de Robert custara-lhe a vida, e também a de Sorcha. Bethia não tinha a menor intenção de permitir que James também fosse parar na cova gelada dos pais.

Ao entrar no quarto pequeno e mal iluminado que vinha dividindo com o bebê, Bethia disse a ele:

– Seu pai foi um homem corajoso e muito honrado, mas devia ter sido mais cuidadoso em relação ao que acontecia no próprio quintal.

Deixou o sobrinho sonolento no berço e, sentando-se na beirada da cama pequena e dura, ficou observando o menino. O rostinho doce fora abençoado com os olhos verdes intensos de Sorchá, e os cabelos eram só um pouquinho mais claros que os da mãe. A inveja que Bethia às vezes sentia da celebrada beleza da irmã agora parecia deprimente e mesquinha. Tinha cabelos de um tom castanho sem graça e um olho verde e outro azul, além de uma silhueta muito menos feminina que a da irmã, mas ainda estava viva. A beleza e a graça de Sorchá, sempre louvadas por todos como uma bênção, não tinham sido capazes de salvar a vida dela.

Além do mais, de vigília ao lado do sobrinho adormecido, Bethia constatou que ela era a mais forte das duas. Sorchá fora como uma vela, admirada por sua luz e seu calor, pela beleza das cores intensas em sua chama, porém apagava-se com a maior facilidade. Bethia sempre fora mais ressabiada que Sorchá, sempre enxergara o mal nas pessoas. Tinha ficado surpresa ao receber o pedido da irmã para que fosse ajudá-la com James, pois em Dunnraig não faltavam mulheres dispostas e capazes de cuidar do filho do chefe e herdeiro das terras, mas agora começava a se perguntar se esse não teria sido um indício de que a suspeita também crescera no coração ingênuo e generoso da irmã.

Suspirando, ela enxugou uma lágrima. Se fosse o caso, a suspeita tinha vindo tarde demais, mas isso explicaria a curiosa escolha de palavras na carta de Sorchá. Ela pedira a Bethia que viesse cuidar de James. Não que viesse visitá-lo, brincar com ele ou ajudar, mas *cuidar* dele. E era exatamente isso que Bethia pretendia fazer.



A cada respiração, cada farfalhar da própria saia no chão, Bethia sentia um aperto no coração enquanto se esgueirava pelos corredores escuros de Dunnraig. Sabia ser silenciosa, mas a habilidade estava falhando miseravelmente. Contudo, não houve nenhum grito de alerta enquanto ela atravessava a bastilha e chegava ao pátio interno. Levava três dias torturantes

para elaborar um plano para sair de DunnCraig sem ser vista, e parecia que estava levando os mesmos três dias para executá-lo. A cada passo, morria de medo de que James, alheio ao perigo que corria, fizesse algum barulhinho que os denunciasse.

A cada minuto daqueles três dias de planejamento, ela oscilava entre duvidar das próprias suspeitas e seguir em busca de uma forma de fugir sem ser vista. As dúvidas foram brutalmente varridas com a morte do cachorrinho de James. No dia seguinte ao funeral, ela comera e bebera de bom grado tudo o que fora levado para ela e para James, mas, sabe-se lá por quê, no segundo dia sentiu a necessidade de testar a comida. Quando o filhotinho morreu depois de comer, Bethia chorou de culpa por ter usado o pobre animalzinho indefeso, e também por uma mistura estranha de medo e fúria por suas suspeitas mais sinistras terem sido confirmadas de forma tão cruel. Sua raiva só se agravou por não ter podido dar ao bichinho um enterro digno de seu sacrifício. Agora ela sabia que a morte lenta e dolorosa de Sorcha e Robert fora causada por envenenamento, não por alguma doença desconhecida, como alegavam.

Bethia finalmente chegou ao lugar que procurava: uma pequena fresta na muralha atrás dos estábulos fedorentos. Além de se manter alheio aos inimigos que viviam em suas terras, Robert parecia também ignorar o mau estado da fortaleza. Se tivesse percebido a petição de miséria em que o lugar se encontrava, jamais teria deixado William continuar controlando as finanças. Bethia não sabia em que William e os filhos vinham gastando o dinheiro dos arrendatários e das terras, mas certamente não era na manutenção da fortaleza que desejavam a ponto de matar quem ficasse em seu caminho.

Segurando James, Bethia passou pela fresta na muralha. Pedacinhos de alvenaria se soltaram e caíram no chão. Ela ficou imóvel e prendeu a respiração, esperando o alerta que decerto viria. Para sua surpresa, nada aconteceu. Um barulho como aquele deveria ter feito com que os soldados ao menos olhassem na direção dela. Mas, ao sair para a noite e, com muito cuidado, começar a correr em direção à floresta, para além dos campos que cercavam a fortaleza, Bethia teve mais esperança de conseguir fugir. Estava claro que a guarda de DunnCraig andava tão relapsa quanto a manutenção.

Ela só se permitiu um suspiro de alívio quando finalmente adentrou as sombras da floresta, assustadoras, mas muito bem-vindas. Sabia que William

não tardaria a ir atrás dela, mas dera o primeiro passo em direção à liberdade e à segurança, e por isso deixou um leve fio de esperança tocar seu coração. Um cavalo seria de grande valia, mas ela não se atrevera a roubar um animal – nem sequer tentara reaver a égua mansinha em que chegara a Dunnraig. Jamais teria conseguido fazê-la passar pela frestinha na muralha. Bethia prometeu a si mesma que tiraria a égua daquele estábulo caindo aos pedaços na primeira oportunidade. Sem cavalo, no entanto, precisaria andar muito se quisesse se distanciar de seus inimigos.

Enrolado na faixa presa ao corpo de Bethia, James se remexeu e ela acariciou suas costas e se pôs a caminhar.

– Quietinho, meu bebezinho lindo. – Deu uma última olhada em Dunnraig, lamentando não ter podido se despedir de Sorcha, mas prometendo voltar em breve. – Eu prometo que logo, logo os porcos que engordam às custas do seu pai sufocarão na própria lavagem. E que a fúria de Deus castigue todos os homens que tentarem encher os bolsos com a riqueza alheia – murmurou ela, marchando floresta adentro.



– Tem certeza de que quer ir lá encarar aquelas pessoas? – perguntou Balfour Murray ao irmão de criação, Eric.

Balfour assumiu seu lugar à cabeceira da mesa no salão principal de Donncoill e começou a encher o prato de comida. Eric sorriu para o irmão e piscou para a cunhada, Maldie, que apenas revirou os olhos e começou a comer.

– Já tentamos todas as outras maneiras de reaver o que é meu por direito, mas tudo o que fazemos é contestado ou ignorado. Venho jogando esse jogo há treze longos anos. Já estou cansado de tudo isso.

– Continuo sem entender como confrontar aqueles palermas mudaria alguma coisa.

– Talvez não mude, mas é a única coisa que não tentei.

– Ainda podemos recorrer ao rei.

– Também já tentamos, embora eu admita que poderíamos ter sido mais veementes. Ainda assim, aposto que ele preferiria não escolher um lado. Por mais que fossem, e ainda sejam, uns desgraçados, os Beatons nunca contrariaram nem ofenderam o rei. Os MacMillans, o clã da minha mãe, também mantêm boas relações com a coroa e são considerados guerreiros

leais e habilidosos. Talvez eu seja a prova irrefutável disso. Carrego a marca dos Beatons nas costas, e muitos dizem que sou a cara da minha mãe e de seu clã. Talvez já esteja na hora de os Beatons e MacMillans verem a prova com os próprios olhos.

– Você acha que os Beatons vão admitir a verdade, mesmo que você tire a roupa e os force a ver sua marca de nascença? – perguntou Maldie.

– Talvez não, mas não custa tentar – respondeu Eric. – Nunca ouvi nada de ruim a respeito dos MacMillans. Infelizmente, nunca conheci nenhum deles nas ocasiões em que estive na corte. Imagino que tenham acreditado nas mentiras contadas pelos Beatons. Talvez eu possa levá-los a enxergar a verdade depois de todos esses anos.

– Certo, mas você tem que levar alguém – insistiu Balfour. – Pena que o Nigel foi para a França.

– A Gisele já deu à luz três bebês. Já passa da hora de serem apresentados aos parentes na França.

– Sim, é verdade. Bem, se você puder esperar, irei com você assim que terminar o meu trabalho, ou quem sabe o Nigel volta?

– A luta é minha, Balfour, de mais ninguém.

Eric levou o resto da noite e boa parte do dia seguinte para convencer Balfour de que aquele era um assunto que precisava resolver sozinho. Nenhum dos dois pensava que correria risco real de ser atacado pelos Beatons ou MacMillans, já que os desentendimentos entre as famílias eram do conhecimento do rei. Se Eric sofresse um único arranhão enquanto estivesse nas terras de qualquer uma das famílias, a reprimenda viria a galope, e tanto Beatons quanto MacMillans sabiam muito bem disso. Contudo, viajar sozinho implicava outros perigos, e Balfour fez questão de mencionar todos eles, com todos os detalhes pavorosos.

Ainda estava listando os perigos da viagem três dias depois, quando Eric, enfim, conduzia a montaria carregada para fora do estábulo.

– Não seria nada mau ter um soldado para cuidar da sua retaguarda – falou Balfour.

Eric apenas sorriu e montou em seu cavalo preto, Connor.

– De fato – concordou, parando para prender os espessos cabelos louro-avermelhados com uma tira grossa de couro enegrecido. – Mas um soldado forte faria ainda mais falta para você aqui. Eu sei me cuidar, Balfour. Não estou indo para a guerra, e acho que consigo dar conta de um ou dois

ladrões pelo caminho... ou, na pior das hipóteses, fugir deles. Você está parecendo minha mãe – acrescentou ele, com afeto.

Balfour sorriu.

– Siga seu caminho então, mas, se deparar com alguma dificuldade, pare em uma estalagem e mande buscar um ou dois homens aqui. Ou então volte direto para cá e, assim que terminar o trabalho na lavoura, reuniremos uma força maior para você.

– Combinado. Mandarei notícias.

– Eu acho bom, porque, se passar algum tempo sem sinal de você, eu mesmo vou sair à sua caça. – E então, enquanto o irmão atravessava os portões, Balfour acrescentou: – Vá com Deus.

Eric acenou e tomou o seu rumo. Estava muito dividido a respeito da decisão de partir. Não ia em busca de nada além do que era seu por direito, mas sentia vergonha de ter que implorar. Balfour o presenteara com uma pequena casa-torre e um pedaço de terra a oeste de Donncoill. Às vezes, ele se sentia muito tentado a parar de perseguir o que não lhe era oferecido de bom grado e tocar a vida na pequena propriedade. Mas então o senso de justiça voltava a crescer dentro do seu peito e mais uma vez ele se punha a lutar pelo que era seu.

Também havia o fato, muitas vezes ignorado, de ele não ser um Murray de sangue. O elo com os irmãos, que já era forte, ficara ainda mais firme com o casamento de Balfour e Maldie, meia-irmã de Eric. Legalmente, no entanto, os Murrays não deviam absolutamente nada a ele. Ainda assim, o protegiam. Chamavam-no de irmão com toda a sinceridade do mundo. O que só o deixava ainda mais furioso com a recusa dos Beatons e dos MacMillans em aceitá-lo. Eric tinha direito a tudo o que fora de seus pais. Sabia, no fundo do coração, que jamais poderia ser outra coisa a não ser um Murray, mas estava determinado a reaver tudo o que fora tirado dele pelas mentiras dos Beatons. Mesmo que isso significasse ter que lutar com seus parentes de sangue. Já fazia treze anos que tinham descoberto a verdade sobre o nascimento dele, e os treze anos foram de abordagens delicadas e diplomáticas. A hora do confronto se aproximava.

Eric levou apenas algumas horas para chegar aos portões da fortaleza dos Beatons. Quando se recusaram a deixá-lo entrar e nem sequer se dignaram a recebê-lo, não ficou surpreso, mas desapontado. Poucos dias após a morte do pai, o primo dele se aboletara naquelas terras e não parecia nada

disposto a sair. Sir Graham Beaton era tão cruel e arguto quanto seu pai fora, e Eric adoraria vê-lo escorraçado das terras que tinha roubado, nem que fosse pelo bem das pobres pessoas que moravam nelas e já sofriam havia tanto tempo, mas estava claro que isso não aconteceria pacificamente.

Eric deu as costas e foi embora, esforçando-se para ignorar os insultos que gritavam para ele das muralhas. Decidiu visitar os MacMillans. Se conseguisse conquistar algum reconhecimento lá, teria mais homens, mais poder e mais dinheiro para lutar contra o Beaton usurpador. Eric suspeitava de que sir Graham sabia a verdade, mas esperava continuar de posse de suas riquezas e por isso se recusava a receber o herdeiro por direito e ignorava seus pedidos para devolver a terra. Uma aliança de sangue com os MacMillans, que tinham muito mais recursos, quem sabe forçasse o sujeito a admitir aquilo que escondia e deturpava havia tantos anos. Eric ficou ainda mais determinado a convencer os parentes maternos. O que estava em jogo era mais do que vencer uma batalha legal pela herança: podia ser o fim de uma longa linhagem Beaton de suseranos desprezíveis.



– Mamã?

Bethia engoliu as lágrimas prestes a rolar e levou à boca de James o *quaich* de prata, para que o menino bebesse água. Aquele havia sido o copo cerimonial do casamento de sua irmã, uma bela peça ornada, pequena e rasa, com delicadas e antigas padronagens celtas nos dois cabos. O pai delas gastara um bom dinheiro naquele *quaich* e tinha passado um longo tempo procurando o melhor artesão para produzi-lo. Ouvir o filho de Sorcha chamar pela mãe enquanto bebia naquela relíquia de família tão querida fez o coração de Bethia se condoer por um pesar que ainda não tivera tempo de assimilar.

– Ah, bebê... Infelizmente, acho que agora eu vou ser a sua mamãe – sussurrou ela, acariciando os cachinhos sedosos e dando um pedacinho de pão a James. – Sei que não sou tão boa quanto a mamãe que aqueles desgraçados tiraram de você, mas prometo fazer o melhor que puder.

Uma vizinha interior sussurrou que, com ela, James ao menos continuaria vivo, algo em que a mãe dele praticamente falhara; contudo, Bethia logo se repreendeu por ter um pensamento tão desleal. Nos dois dias que passara escondida na floresta, indo com todo o cuidado na direção de

casa, notou que tinha muitos pensamentos nada generosos em relação à irmã e ao cunhado. Amaldiçoou a fraqueza deles, escarneceu deles por serem tão cegos e ficou se perguntando como era possível que um bebê tão doce tivesse vindo para um pai e uma mãe tão tolos. E, a cada pensamento, sentia-se mais culpada.

– Preciso de tempo para refletir e examinar o que há em meu coração – disse ela ao menino, e começou a comer um pedaço de pão. – Estou com muita raiva, e é estranho que na maior parte das vezes essa raiva seja dos seus pais. Eles não fizeram nada de errado, simplesmente foram assassinados, e isso não foi culpa deles. É claro que podiam ter sido mais atentos, mais cuidadosos, e teria sido bom se tivessem passado mais tempo prestando atenção às coisas ao redor do que um no outro, mas também não posso culpá-los por isso.

– Mamã?

– Não, meu amor, não é a mamã. – Bethia beijou a testa do sobrinho. – Ela se foi. Agora somos só eu e você. Talvez seja por isso que eu esteja com tanta raiva. Sorcha não devia ter morrido. Era jovem e saudável, não era hora. Mas é que não me sai da cabeça o que ela e o marido podiam ter feito para salvar as próprias vidas, e aí eu fico com raiva porque nenhum dos dois pensou nessas coisas. Mas na verdade eu devia estar amaldiçoando uma única pessoa: William. Sim, ele e seus filhos horrendos. É para eles que eu deveria direcionar toda a minha raiva, não é?

– Ba-ba.

– Ba-ba? O que é ba-ba? – Ela sorriu, e então suspirou. – Nós não nos conhecemos muito bem, não é, James? Mas acho que os homens que querem matar você não vão nos dar tempo para isso. Talvez, quando chegarmos à nossa casa, em Dunnbea, possamos aprender mais um sobre o outro, e sua vovó vai adorar ajudar. É, e seu vovô também. Você não estará sozinho, meu doce James, mas nenhum de nós vai poder substituir o que eles roubaram de você. Daremos todo o amor e carinho, e talvez isso ajude a aliviar a perda que você sofreu. É uma bênção que você seja ainda tão novinho, assim talvez a dor da perda não seja tão profunda.

Em uma coisa ela sabia que tinha sorte. James era um bebê muito tranquilo, que quase não chorava ou reclamava. Tinha o bom humor da mãe – a felicidade natural com a vida que sempre fluía de Sorcha para todos. Por ora, enquanto fugiam, era uma característica boa, mas Bethia estava

determinada a fazer com que o sobrinho aprendesse a importância de um pouco de desconfiança e cautela.

Ela se preparava para arrumar as coisas e continuar a longa caminhada de volta para casa quando ouviu um barulho baixinho. Reprendendo-se por não ter sido mais cautelosa, sacou a adaga e se colocou na frente do bebê. Dois homens saíram das sombras das árvores. Bethia franziu a testa, notando que não pareciam homens de William.

– Vocês não vão levar o bebê – falou ela, com firmeza.

– A gente não quer o bebê – respondeu o mais alto dos dois, olhando a adaga e avaliando o copo de prata que ainda estava nas mãozinhas de James.

– Vocês não passam de reles ladrões.

– Bem, parece que não somos o que você estava esperando, mas reles ladrões nós também não somos. Somos *ótimos* ladrões, e parece que a sorte sorriu pra gente.

Bethia sabia que era melhor simplesmente deixar que levassem o que quisessem, porque lutar com aqueles homens seria um risco para ela e James. Poderiam ser mortos. Mas o que os ladrões queriam levar era a única coisa que ela ainda tinha da irmã. A mente dela dizia para pegar o bebê e correr, mas o coração, ainda em carne viva por conta do luto, estava determinado a não permitir que tocassem nas coisas de Sorcha.

– Não vou deixar os senhores levarem o que é meu sem lutar – afirmou ela com frieza, rezando para que fossem dois covardes.

– Ora, ora, garota, será que essas poucas coisas que você tem aí valem a sua vida e a do bebê?

– Não. Mas a pergunta que você devia estar se fazendo é: será que valem a vida de vocês?

## CAPÍTULO DOIS

**E**ric foi despertado de seus pensamentos pelo vozerio. Retesou-se na sela, apurou os ouvidos e conseguiu, enfim, descobrir de onde vinha o barulho. Tinha decidido pegar um caminho mais deserto até as terras da família da mãe a fim de evitar confusão, mas ainda assim parecia prestes a encontrar problemas.

## CONHEÇA OS LIVROS DE HANNAH HOWELL

*O destino das Terras Altas*

*A honra das Terras Altas*

*A promessa das Terras Altas*

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

